



**INSTITUTO
FEDERAL**
Piauí

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS URUÇUI
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

LAIZA FERREIRA DA SILVA

**PERCEPÇÕES DOCENTES: os desafios da educação sexual nas escolas
públicas de ensino médio de Uruçuí-PI.**

URUÇUI-PI

2026

LAIZA FERREIRA DA SILVA

PERCEPÇÕES DOCENTES: os desafios da educação sexual nas escolas públicas de ensino médio de Uruçuí-PI.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Uruçuí.

Orientador: Prof. Me. Daniel de Sousa e Silva

URUÇUÍ-PI

2026

PERCEPÇÕES DOCENTES: os desafios da educação sexual nas escolas públicas de ensino médio de Uruçuí-PI

Láiza Ferreira da Silva¹

Daniel de Sousa e Silva²

RESUMO

Este trabalho investiga as percepções e os desafios enfrentados por docentes de escolas públicas de Ensino Médio na cidade de Uruçuí-PI em relação à abordagem da educação sexual. A pesquisa possui natureza quali-quantitativa e caráter exploratório, utilizando como procedimento de coleta de dados a aplicação de questionários estruturados a cinco professores da rede pública. Os resultados indicam que, embora a maioria dos docentes possua formação em Ciências Biológicas, 60% não cursaram disciplinas específicas sobre sexualidade durante a graduação e buscam suprir essa lacuna por meio de interesses em formações continuadas. Identificou-se que a abordagem em sala de aula ocorre predominantemente de forma ocasional (80%), focando majoritariamente em aspectos biológicos e na prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e gravidez precoce. As principais barreiras apontadas incluem a falta de materiais didáticos adequados, a ausência de um currículo estruturado e o receio de reações negativas por parte dos responsáveis. Conclui-se que há uma necessidade urgente de oficializar diretrizes curriculares e promover maior integração entre escola e família para que a educação sexual transcenda o viés biológico e alcance uma dimensão sociocultural e preventiva mais eficaz.

Palavras-chave: educação sexual; prática docente; desafios escolares; formação de professores.

ABSTRACT

This study investigates the perceptions and challenges faced by public high school teachers in the city of Uruçuí-PI regarding the approach to sex education. The research has a quali-quantitative and exploratory nature, using structured questionnaires applied to five public school teachers as a data collection procedure. The results indicate that, although most teachers have a degree in Biological Sciences, 60% did not take specific courses on sexuality during their undergraduate studies and seek to fill this gap through an interest in continuing education. It was identified that the classroom approach occurs predominantly on an occasional basis (80%), focusing mainly on biological aspects and the prevention of Sexually Transmitted Infections (STIs) and early pregnancy. The main barriers identified include the lack of adequate teaching materials, the absence of a structured curriculum, and the fear of negative reactions from guardians. It is concluded that there is an urgent need to formalize curricular guidelines and promote greater integration between school and family so

¹ Licencianda em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Uruçuí. E-mail: cauru.20221171bio0065@aluno.ifpi.edu.br.

² Professor Mestre do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Uruçuí. E-mail: daniel.silva@ifpi.edu.br.

that sex education transcends the biological bias and achieves a more effective sociocultural and preventive dimension.

Keywords: sex education; teaching practice; school challenges; teacher training.

Data de aprovação:

1 INTRODUÇÃO

A educação sexual no âmbito escolar tem se mostrado um tema de grande relevância nos últimos anos, especialmente devido às transformações sociais e à crescente necessidade de uma abordagem responsável e esclarecedora sobre questões relacionadas à sexualidade (Trindade; Bruns, 1999).

Para Almeida (2009), falar sobre educação sexual na escola sempre foi um desafio para o educador, e mesmo em dias tão atuais, essa temática continua sendo um tabu. Jovens e adolescentes não possuem uma base formada em casa e, ao se depararem com essa realidade na escola, acabam por gerar discordâncias e concordâncias, tanto por parte dos pais quanto da própria equipe escolar.

Nessa mesma linha, Trindade e Bruns (1999) afirmam que a implementação de programas de educação sexual nas escolas encontra obstáculos significativos, que envolvem desde resistências culturais e familiares até questões religiosas e a falta de preparo adequado dos profissionais da educação. Diante disso, será que falar de educação sexual é tão importante?

Durante este projeto, buscou-se esclarecer dúvidas visando identificar os principais obstáculos que os docentes encontram ao tratar do tema da educação sexual nas escolas, investigando as restrições, as dificuldades e as possíveis soluções para fomentar um ensino eficiente e consciente sobre o assunto.

Dentro desse cenário, este estudo se concentrou nos desafios que os professores encontram ao abordar tópicos como a prevenção da gravidez na adolescência e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), buscando compreender o papel da escola como agente de transformação social e a importância de um ensino sexual que seja inclusivo, respeitoso e baseado em informações científicas.

A partir de uma análise de diferentes contextos educacionais com educadores, buscou-se destacar as barreiras que dificultam a implementação de uma educação sexual de qualidade e sugerir estratégias que pudessem contribuir para superar tais

difficultades, garantindo um ambiente escolar mais saudável e preparado para lidar com as questões da sexualidade de forma responsável.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS EM EDUCAÇÃO SEXUAL

2.1.1 Definição e abrangência da educação sexual

A educação sexual, enquanto campo de conhecimento e prática pedagógica, transcende a mera transmissão de informações biológicas sobre reprodução ou doenças. Conforme Figueiró (2006), a educação sexual compreende um processo de intervenção sistemática que visa proporcionar informações e oportunidades de reflexão sobre aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais da sexualidade, contribuindo para o desenvolvimento saudável do indivíduo e para o exercício pleno da cidadania.

Nessa perspectiva, a educação sexual não se resume a "falar sobre sexo". É um direito fundamental que todos têm de receber informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento interpessoal, além de poder refletir e debater sobre os tabus socialmente construídos (Figueiró, 2006).

Ampliando essa compreensão, a ECOS (Estudos e Comunicação sobre Sexualidade e Reprodução Humana) afirmou em 2013 que esse direito inclui o conhecimento do corpo, uma visão positiva da sexualidade, a comunicação clara em relacionamentos, o pensamento crítico e a compreensão do próprio comportamento e do comportamento alheio. Portanto, pais e educadores devem garantir que os adolescentes recebam uma orientação saudável, baseada em valores e costumes que valorizam a vida e os direitos humanos.

Diferencia-se, portanto, da visão higienista que predominou historicamente, focada exclusivamente nos riscos e patologias. Autores contemporâneos defendem que a escola deve assumir uma postura emancipatória, tratando a sexualidade como construção social e histórica, e não como algo estritamente ligado ao ato sexual ou à doença (Louro, 2019).

2.1.2 A educação sexual como resposta aos problemas de saúde pública

As ISTs são doenças causadas por microrganismos, cuja principal via de

transmissão é o contato sexual desprotegido, seja ele oral, anal ou vaginal. Seu alto índice de disseminação está diretamente relacionado à falta ou à utilização incorreta do preservativo – a camisinha – seja ela masculina ou feminina (Brasil, 2018).

Nesse contexto, segundo Almeida et al. (2017), a importância da abordagem formativa na escola justifica-se diante do preocupante cenário de saúde pública atual. O alto índice de ISTs entre adolescentes tem crescido progressivamente, exigindo intervenções mais efetivas no âmbito preventivo. Um dos meios a serem buscados é a educação sexual nas escolas, que, por vezes, é um tabu. Como o adolescente nem sempre tem orientações em casa, cabe aos profissionais da educação abordar e levantar essa temática, a fim de reduzir a carga dessas infecções entre os jovens.

Nessa mesma linha, Santos et al. (2009), afirmam que o aumento de ISTs está relacionado à insuficiência dos serviços de saúde e à qualidade da educação sexual oferecida nas escolas e nas famílias. Além disso, as informações obtidas pelos jovens por meio da internet e da interação entre seus pares também exercem um papel importante nesse contexto.

A gravidez na adolescência, outra problemática social, também representa um risco e um grave problema de saúde pública, devido, principalmente, à sua magnitude e amplitude, além dos problemas que dela derivam. Dentre estes, destacam-se: o abandono escolar, o risco durante a gravidez, muitas vezes decorrente da não realização de um pré-natal de qualidade, pelo fato de a adolescente esconder a gravidez ou os serviços de saúde não estarem qualificados para tal assistência (Neto et al., 2007).

Sob uma perspectiva social, Almeida, Aquino e Barros (2006) associam a gestação na adolescência a fatores como pobreza, abandono escolar, desemprego, inserção prematura em empregos pouco qualificados, separações conjugais, experiências de violência e negligência, redução nas chances de ascensão social, além de abusos infantis.

2.1.3 A vulnerabilidade juvenil e suas implicações

Depois de anos de estudos sobre essa temática, surgem questionamentos sobre a implementação e a eficácia das práticas direcionadas à sexualidade. Isso ocorre à medida que estudos sobre os comportamentos sexuais de adolescentes revelaram que essa faixa etária tem colocado sua saúde em risco (Espada; Morales;

Orgilés, 2014).

Há indicações de que a iniciação sexual em idades mais precoces, em torno dos 15 anos, está ligada ao uso reduzido de preservativos, ao aumento da frequência de relações sexuais, ao maior número de parceiros e, por conseguinte, a uma maior vulnerabilidade a doenças sexualmente transmissíveis e gestações indesejadas (Espada; Morales; Orgilés, 2014).

Um dos principais fatos decorrentes do grande número de jovens com ISTs é a falta de percepção da própria vulnerabilidade. A população adolescente apresenta características que geram risco à contaminação. O jovem não está preparado para lidar com a sexualidade, tem dificuldade na tomada de decisões, não possui identidade totalmente definida, passa por conflitos entre razão e sentimento e é regido por uma necessidade de se sentir inserido em algum grupo social. Todas essas dificuldades tornam a população jovem suscetível às ISTs (Vieira; Matsukura, 2017).

2.2 OBSTÁCULOS SOCIAIS E CULTURAIS À EDUCAÇÃO SEXUAL

2.2.1 Tabus, crenças religiosas e resistência familiar

A educação sexual nas escolas, para ser efetiva, demanda uma visão pluralista da sexualidade, que reconheça a diversidade de identidades e expressões, promovendo o respeito mútuo e o diálogo sobre diferentes valores e crenças, sempre priorizando os direitos humanos e a saúde sexual (Maia; Ribeiro, 2011).

No entanto, o caminho para essa abordagem pluralista é permeado por obstáculos. Um dos principais reside na própria percepção social do tema, ainda fortemente marcada por tabus. Para Alves (2021), apesar dos avanços das últimas décadas, persiste entre professores e pais o entendimento equivocado de que tratar de sexualidade na escola equivaleria a induzir os estudantes à prática sexual precoce ou erotizá-los prematuramente.

Essa resistência, conforme apontam Barcelos e Jacobucci (2011), está profundamente ligada à influência religiosa e familiar, que frequentemente entra em conflito com as demandas da realidade contemporânea dos jovens. As crenças pessoais e os valores morais enraizados acabam por criar um silêncio constrangedor ou uma abordagem exclusivamente negativa do tema.

2.2.2 A indefinição do papel da escola versus família

Segundo Brancaleoni e Oliveira (2016), a escola desempenha uma função crucial na promoção da educação sexual, mas observa-se uma ausência de definição clara e um intenso esforço institucional para se isentar dessa responsabilidade. Essa postura de omissão contradiz a ideia de que o educador figura como um adulto de referência para crianças e jovens, com ênfase especial justamente nas questões de sexualidade e gênero (Seffner, 2011).

Para Almeida (2005), é fundamental que a sexualidade seja tratada na escola, mas isso não implica que a responsabilidade seja exclusivamente dela; os pais devem ter participação ativa. O ideal seria que a temática fosse iniciada no ambiente familiar e complementada na escola, garantindo ao adolescente uma instrução mais completa e coerente. Entretanto, como observam Almeida et al. (2017), na ausência de orientação em casa, cabe aos profissionais da educação assumir esse papel, preenchendo uma lacuna crítica na formação dos jovens.

Nesse contexto, Maia e Ribeiro (2011) afirmam que a formação dos professores para tratar do tema é essencial. É cada vez mais importante que os docentes recebam formação específica para atuar em questões de educação sexual, seja durante sua formação acadêmica ou por meio de programas de educação continuada. Para que possam entender as manifestações da sexualidade entre seus alunos e orientá-los adequadamente, é fundamental que tenham clareza sobre as abordagens históricas e culturais que envolvem a construção da sexualidade, além de uma compreensão científica sobre a sexualidade.

2.2.3 Desafios contemporâneos: informação versus desinformação

Para Vieira et al. (2021), nos últimos anos, o desenvolvimento tecnológico e da inteligência artificial ampliou exponencialmente a disponibilidade de informações de conteúdo sexual na internet. Paradoxalmente, apesar desse maior acesso à informação, o déficit de conhecimento dos adolescentes sobre métodos contraceptivos, prevenção de ISTs e questões fundamentais da sexualidade persiste como um problema atual e preocupante.

Quanto aos desafios que permanecem em discussão sobre o uso do preservativo pela população jovem, é necessário compreender que a forma em que os conteúdos são transmitidos para os adolescentes pode influenciar diretamente em

suas escolhas de vida, visto que, como indivíduos, eles possuem autonomia de decidir como colocar em prática o conteúdo aprendido (Ciriaco; Perreira; Campos, 2019).

Lopes (2019) argumenta que se faz necessário promover uma maior aproximação desse público com os serviços de saúde, criando espaços de acolhimento onde se sintam confortáveis para buscar auxílio. Além disso, é fundamental incentivar discussões em sala de aula que desconstruam tabus, afastando-se do modelo unilateral de transmissão de conhecimento (professor → aluno) e permitindo a participação ativa dos jovens, reconhecendo-os como sujeitos em formação com voz ativa nas questões que influenciam seu estilo de vida.

2.3 A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DOS PROFESSORES

2.3.1 A formação docente como desafio estrutural

Conforme discutido anteriormente, a implementação efetiva da educação sexual esbarra em múltiplos obstáculos. Entre eles, a formação (ou a falta dela) dos professores emerge como um dos mais críticos. Gesser et al. (2015) alertam que muitos docentes não foram capacitados para tratar de questões ligadas à sexualidade, o que contribui para a perpetuação de propostas pedagógicas baseadas em crenças religiosas, abordagens higienistas e visões heteronormativas, em detrimento de uma perspectiva científica e inclusiva.

Maia e Ribeiro (2011) reforçam essa posição ao afirmar que a formação específica é essencial. É cada vez mais urgente que os docentes recebam preparação adequada, seja durante a graduação ou por meio de programas de educação continuada, para que possam compreender as manifestações da sexualidade entre seus alunos e orientá-los de forma adequada. Essa preparação deve incluir tanto a clareza sobre as abordagens históricas e culturais da sexualidade quanto uma sólida compreensão científica do tema.

Moreira e Folmer (2011) corroboram essa visão, destacando a falta de preparo dos professores como o principal desafio para o ensino de sexualidade nas escolas. Para os autores, a formação inicial e contínua é fundamental não apenas para transmitir informações corretas, mas para formar cidadãos livres de preconceitos, respeitosos consigo mesmos e com os outros, reconhecendo a todos como titulares de direitos.

2.3.2 Dilemas da prática docente em sala de aula

Mesmo quando há disposição para abordar o tema, os professores enfrentam dilemas práticos significativos. Gava e Villela (2016, p.165) ilustram essa tensão:

"(...) algumas vezes o que falar em sala de aula acaba sendo justificado pelas diretrizes e pelos parâmetros, não sabe se o pai vai aceitar, então a gente procura ir dentro do que está no currículo; mesmo pra qualquer coisa, olha, está aqui eu tive que dar, né?. Mas as regras mais sutis se dão no meio, na interlocução dos discursos e dos silêncios acerca da sexualidade."

Essa fala revela o conflito entre o que o professor considera importante, o que o currículo determina e o que a família (ou a gestão) pode aceitar. O resultado é uma abordagem frequentemente tímida, restrita ao "seguro", que acaba por não atender às reais necessidades dos alunos.

Ribeiro, Souza e Souza (2004) já identificavam essa ambiguidade: educadores, em geral, associam a abordagem de sexualidade e gênero a um incentivo à prática sexual precoce, perpetuando a ideia de que existe uma "idade ideal" para discutir esses temas. Essa visão coexiste, contraditoriamente, com atitudes que questionam normas heterossexuais, revelando a complexidade das percepções docentes sobre sexualidade.

Por outro lado, há docentes que defendem o debate do tema nos espaços escolares, como um meio dos estudantes exercerem a sexualidade de forma segura, conhecendo seu corpo e desenvolvendo a autoestima. Percebe-se, porém, que esses educadores sentem um déficit de parceria e incentivo da escola e dos responsáveis para garantir essa educação de maneira efetiva (Alves, 2021).

2.3.3 Perspectivas e estratégias de enfrentamento

Apesar dos desafios, existem caminhos possíveis. Alves (2021) identifica um grupo de docentes que defende ativamente o debate do tema nos espaços escolares, compreendendo-o como meio para que os estudantes exerçam a sexualidade de forma segura, conhecendo seu corpo e desenvolvendo autoestima. Esses educadores, no entanto, sentem um déficit de parceria e incentivo por parte da escola e dos responsáveis para garantir essa educação de maneira efetiva.

Segundo Maia e Ribeiro (2011), para que a educação sexual se concretize de forma

plena, é necessário um esforço conjunto que envolva:

- Investimento em formação continuada que prepare os professores para lidar com a temática para além do viés biológico;
- Construção de parcerias com as famílias, desfazendo mal-entendidos e alinhando expectativas;
- Apoio institucional da gestão escolar, que deve respaldar os professores e criar um ambiente favorável ao diálogo;
- Articulação com os serviços de saúde, aproximando os jovens de fontes confiáveis de informação e acolhimento;
- Utilização de metodologias participativas que permitam a voz ativa dos estudantes, reconhecendo-os como sujeitos do processo.

Na visão dos pesquisadores, a educação sexual no ambiente escolar deve transcender a simples transmissão de informações, promovendo uma transformação abrangente no processo educacional e tornando conscientes aqueles que a recebem.

3 METODOLOGIA

A referida pesquisa possui caráter exploratório e natureza quali-quantitativa quanto aos procedimentos, classifica-se como pesquisa de campo (Fontelles et al., 2009). Teve como objetivo compreender os desafios enfrentados pelos professores ao trabalhar educação sexual nas escolas, buscando analisar as experiências, percepções e práticas dos professores sem a pretensão de generalizar os resultados, além de fornecer uma compreensão mais abrangente sobre os fatores que influenciam a abordagem do tema.

A coleta de dados foi realizada em duas etapas. Na primeira, um questionário (Questionário 1 – Apêndice), com perguntas abertas e fechadas, foi aplicado aos docentes atuantes no Ensino Médio de 4 escolas da rede pública na cidade de Uruçuí-PI. As questões abordaram a formação inicial e continuada em educação sexual, as percepções sobre a relevância do tema, os desafios encontrados em sala de aula e as estratégias empregadas.

Na segunda etapa, seriam realizadas entrevistas semiestruturadas presenciais com 5 docentes, convidados entre os participantes do questionário. As entrevistas teriam duração média de 15 minutos e seriam registradas com o consentimento dos

participantes abordando os principais obstáculos na aplicação da educação sexual, as visões sobre a abordagem atual do tema nas escolas, experiências bem-sucedidas, dificuldades encontradas e propostas para aprimorar a qualidade da educação sexual nas instituições de ensino. Porém, nenhum dos participantes quis participar desta etapa.

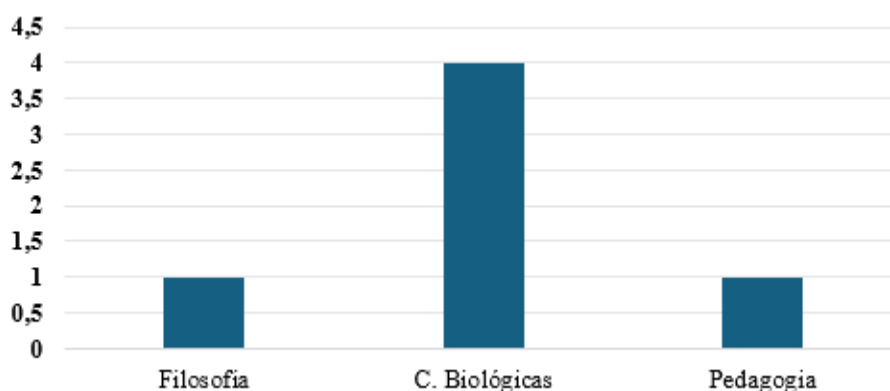
A negativa unânime dos professores às entrevistas não é apenas uma limitação metodológica, mas um achado em si: revela que o tabu sobre a educação sexual ainda silencia os docentes, impedindo que falem abertamente sobre o tema (Barcelos; Jacobucci, 2011).

A pesquisa seguiu os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, respeitando a confidencialidade e o anonimato dos participantes. Todos os professores foram informados sobre os objetivos da pesquisa, e sua participação foi de forma voluntária.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa cinco docentes, com idades entre 31 e 50 anos, sendo um do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Verificou-se que quatro participantes (80%) possuíam formação em Ciências Biológicas, sendo que um deles também possuía licenciatura em Filosofia, e um participante (20%) era formado em Pedagogia, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1 – Perfil dos participantes quanto a gênero, idade e formação acadêmica.

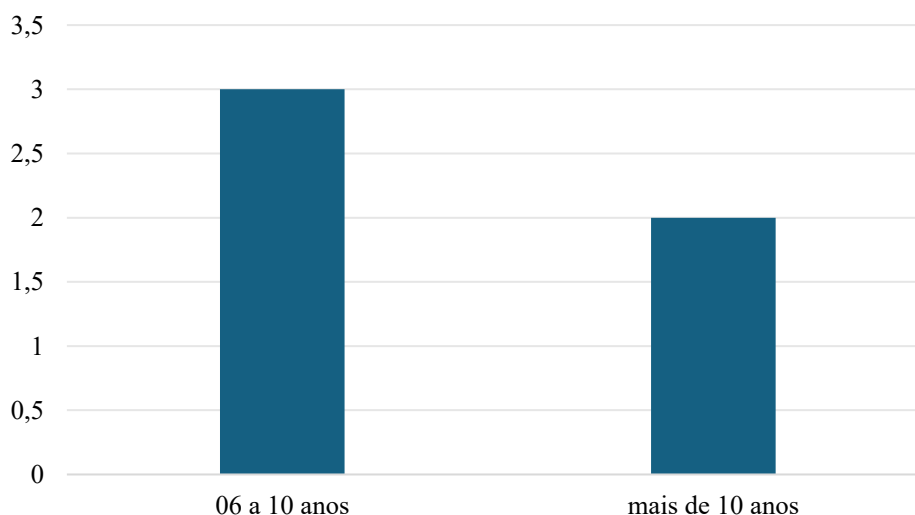


Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2026).

Esse perfil torna relevante a análise das concepções dos docentes sobre educação sexual, uma vez que a formação predominante em Ciências Biológicas pode levar a uma abordagem centrada nos aspectos anatômicos e reprodutivos. No entanto, conforme Figueiró (2006), a educação sexual, enquanto campo de conhecimento e prática pedagógica, transcende a mera transmissão de informações biológicas sobre reprodução ou doenças. A autora compreende a educação sexual como um processo de intervenção sistemática que visa proporcionar informações e oportunidades de reflexão sobre aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais da sexualidade, contribuindo para o desenvolvimento saudável do indivíduo e para o exercício pleno da cidadania.

A quarta questão investigou o tempo de atuação dos participantes na educação básica, por meio da pergunta: “Há quanto tempo você atua como professor(a) na educação básica?”. Verificou-se que três docentes (60%) indicaram atuar entre seis e dez anos, enquanto dois (40%) relataram tempo de atuação superior a dez anos (Figura 2).

Figura 2: Tempo de atuação como professor.



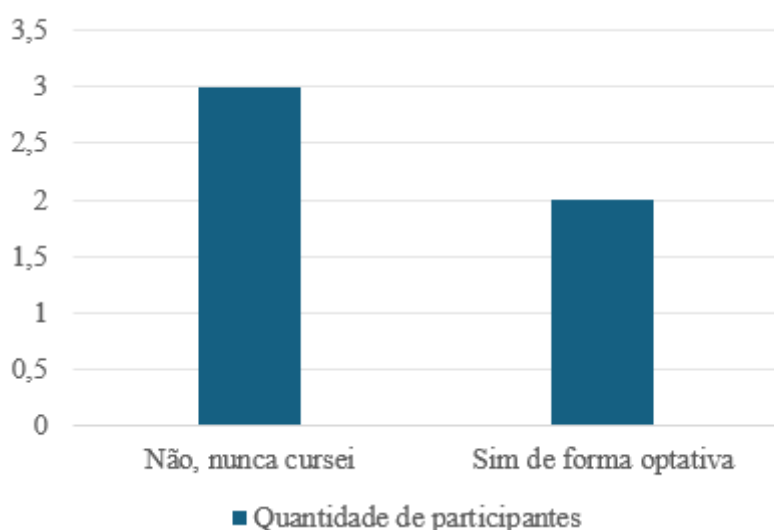
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2026).

No entanto, conforme Martini et al. (2023, p. 17-18), a pouca capacitação e discussão sobre a temática pode levar a práticas pedagógicas dispersas, superficiais ou pontuais, quando não forem também reprodutoras de preconceitos,

independentemente do tempo de experiência profissional dos educadores. Esse dado revela que, mesmo com trajetórias consolidadas na educação básica, os participantes podem não ter tido formação ou oportunidades de reflexão sistemática sobre a educação sexual, o que reforça a necessidade de investigar suas concepções para além do tempo de serviço.

Essa lacuna formativa torna-se ainda mais evidente ao se analisar a quinta questão da pesquisa, que trouxe o seguinte questionamento aos participantes: "Durante a sua graduação, você cursou alguma disciplina específica que abordasse a temática da 'educação sexual' ou 'sexualidade'?" Verificou-se que 3 (60%) participantes marcaram a opção "não, nunca cursei" e 2 (40%) marcaram a opção "sim, de forma optativa", como mostra a Figura 3.

Figura 3- Participantes que cursaram disciplina específica sobre educação sexual ou sexualidade durante a graduação

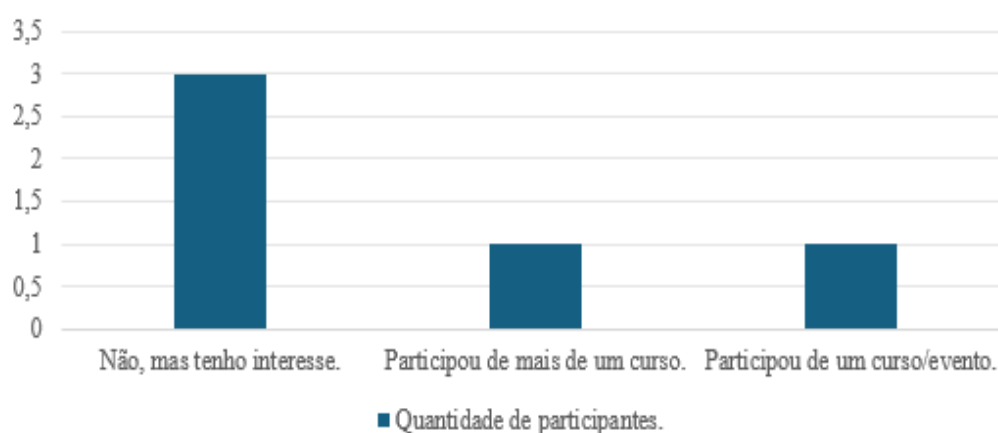


Fonte: Elaborado pela autora do trabalho (2026).

Esse resultado está alinhado com o que Martini et al. (2023, p. 14) observaram em seu estudo, no qual 75,9% das profissionais de educação entrevistadas nunca participaram de cursos, seminários ou tiveram componentes curriculares na graduação que abordassem a temática da sexualidade. A ausência dessa formação na graduação contribui para que os professores não se sintam preparados para abordar o assunto em sala de aula.

Ainda no que se refere à formação docente, o bloco 1 foi finalizado com a seguinte questão: "Após a graduação, você já participou de cursos de formação continuada (especialização, extensão, aperfeiçoamento) que abordassem a educação sexual?" Verificou-se que 3 participantes (60%) marcaram a opção "Não, mas tenho interesse", 1 (20%) marcou "Participou de mais de um curso" e 1 (20%) marcou "Participou de um curso/evento", como mostra a Figura 4.

Figura 4: Participação em curso de formação continuada sobre educação sexual após a graduação.



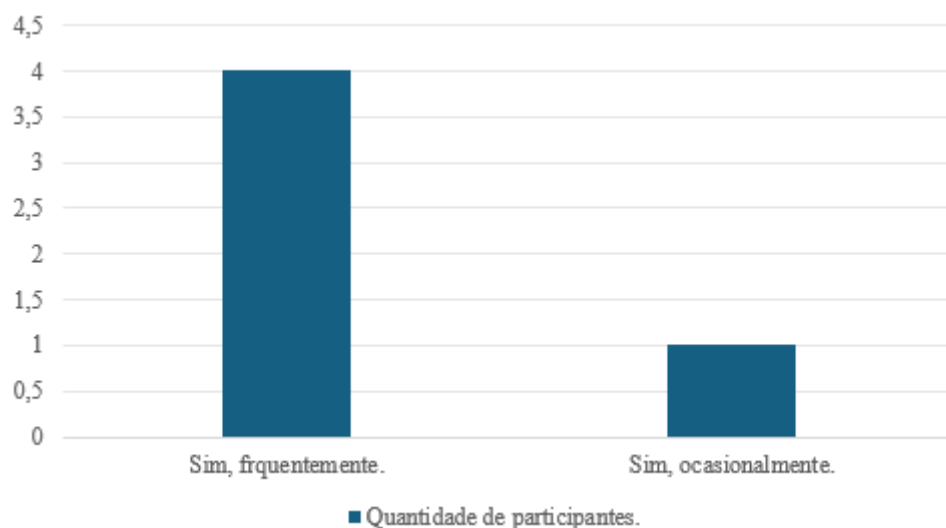
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2026).

No que se refere a essa formação continuada, os dados da pesquisa mostram que 60% dos professores afirmam nunca ter participado de cursos ou capacitações na área, mas que têm interesse. Esse resultado converge com o que aponta Carpilovsky *et al.* (2010) ao evidenciar que apenas 2,8% dos professores relataram ter recebido algum tipo de orientação sobre como abordar a sexualidade em sala de aula. Em contrapartida, a totalidade dos docentes (100%) reconhece a necessidade e a urgência de capacitação específica para o tratamento do tema da orientação sexual no ambiente escolar.

Diante desse contraste entre a falta de preparo e o reconhecimento da necessidade, o bloco II voltou-se para investigar como a educação sexual se materializa — ou não — na prática docente em sala de aula. A primeira questão deste bloco questionava: "Na sua prática docente, você já abordou ou costuma abordar temas relacionados à Educação Sexual com seus alunos do Ensino Médio?" com as alternativas: Sim, frequentemente; Sim, ocasionalmente; Raramente; Nunca abordei.

Verificou-se que 4 (80%) responderam "sim, ocasionalmente" e 1 (20%) "sim, frequentemente", como representa a Figura 5.

Figura 5- Frequência com que os participantes abordam temas de educação sexual na prática docente com alunos do Ensino Médio.



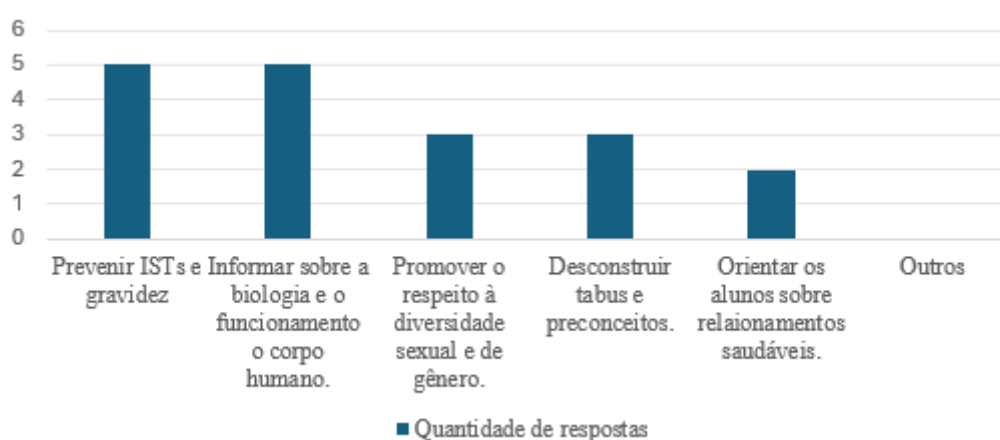
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2026).

Embora todos os docentes relatem abordar a temática (80% ocasionalmente e 20% frequentemente), a mera abordagem ocasional não garante uma educação sexual significativa. Nesse contexto, o trabalho com a sexualidade deve ir além da transmissão de conteúdos biológicos, incorporando discussões sobre afetividade, relações interpessoais, respeito às diferenças, identidade e construção de valores. Quando desenvolvida de forma contínua, planejada e fundamentada em conhecimentos científicos, a educação sexual possibilita a criação de um espaço seguro de escuta e diálogo, no qual os alunos se sentem à vontade para expressar dúvidas e experiências. Dessa maneira, a prática docente contribui significativamente para a formação de sujeitos mais autônomos, críticos e conscientes, capazes de tomar decisões responsáveis sobre sua própria saúde e suas relações sociais (Martini, 2016).

Ainda sobre as concepções docentes, a segunda questão apresentava o seguinte enunciado: "Em sua opinião, qual a principal finalidade da Educação Sexual na escola? (Pode assinalar mais de uma opção)", as alternativas eram: Prevenir ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e a gravidez na adolescência; Informar sobre a biologia e o funcionamento do corpo humano; Promover o respeito à diversidade

sexual de gênero; Desconstruir tabus e preconceitos e Orientar os alunos sobre relacionamentos saudáveis. Observou-se que 5 (100%) professores marcaram a opção de “Prevenir ISTs e gravidez na adolescência”, 5 (100%) “Informar sobre a biologia e o funcionamento do corpo humano”, 3 (60%) “Promover o respeito à diversidade sexual e de gênero;”, 3 (60%) “Desconstruir tabus e preconceitos e Orientar os alunos sobre relacionamentos saudáveis”. como mostra a Figura 6.

Figura 6: Finalidade da educação sexual.



Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2026).

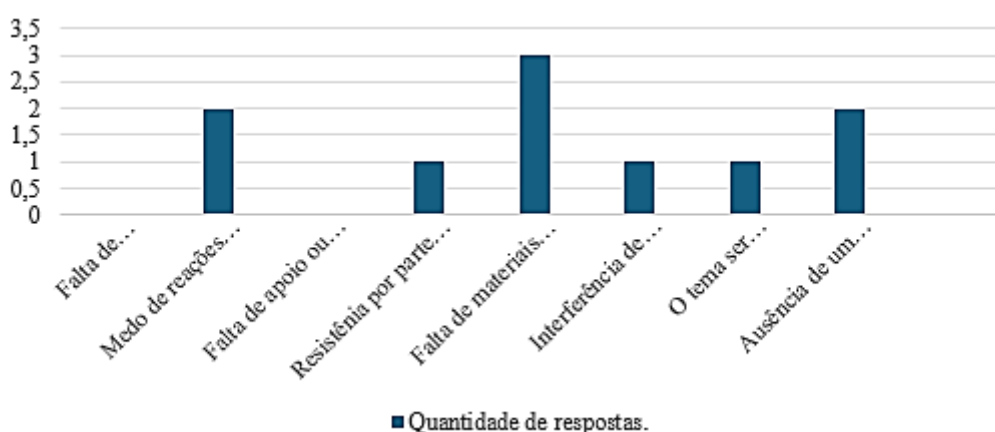
Embora a preocupação com a prevenção de ISTs e gravidez seja compreensível, haja vista que a iniciação sexual em idades mais precoces, em torno dos 15 anos, está ligada ao uso reduzido de preservativos e a uma maior vulnerabilidade a doenças sexualmente transmissíveis e gestações indesejadas (Espada; Morales; Orgilés, 2014), os dados também revelam que apenas 60% dos professores associaram a educação sexual à promoção do respeito à diversidade e à desconstrução de tabus, o que indica uma abordagem ainda centrada na dimensão biológica e preventiva.

A complexidade do tema, no entanto, não se resume a aspectos biomédicos. Sob uma perspectiva social, Almeida, Aquino e Barros (2006) associam a gestação na adolescência a fatores como pobreza, abandono escolar, desemprego, inserção prematura em empregos pouco qualificados, separações conjugais, experiências de violência e negligência, redução nas chances de ascensão social, além de abusos

infantis. Isso sugere que a educação sexual, para ser efetiva, precisaria dialogar também com as condições sociais dos estudantes.

A terceira questão era: “Quais são as principais dificuldades ou barreiras que você encontra ao tentar abordar a Educação Sexual em sala de aula?” as alternativas eram: Falta de preparo/minha própria formação sobre o tema; Medo de reações negativas dos pais ou responsáveis; Falta de apoio ou orientação da gestão escolar; Resistência por parte dos próprios alunos; Falta de materiais didáticos e recursos adequados; Interferência de crenças religiosas (minhas, dos alunos ou da comunidade); O tema ser considerado um tabu na sociedade; Ausência de um currículo claro que oriente como abordar o tema. Notou-se que 2 participantes (40%) marcaram “Medo de reações negativas dos pais ou responsáveis”, 1 (20%) “Resistência por parte dos próprios alunos”, 3 (60%) “Falta de materiais didáticos e recursos adequados”, 1 (20%) “Interferência de crenças religiosas (minhas, dos alunos ou da comunidade)”, 1 (20%) “O tema ser considerado um tabu na sociedade” e 2 (40%) “Ausência de um currículo claro que oriente como abordar o tema.” Como representa a Figura 7.

Figura 7: Principais dificuldades ou barreiras ao abordar a educação sexual.



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2026).

Esses dados dialogam diretamente com os obstáculos apontados pela literatura especializada. A falta de materiais didáticos (60%) e a ausência de um currículo claro (40%) refletem o que Brancaleoni e Oliveira (2016) denominam como

ausência de definição clara e intenso esforço institucional para se isentar da responsabilidade pela educação sexual. Ademais, o medo de reações negativas dos pais (40%), o tabu na sociedade (20%) e a interferência de crenças religiosas (20%) corroboram Trindade e Bruns (1999), para quem a implementação de programas de educação sexual nas escolas encontra obstáculos significativos que envolvem desde resistências culturais e familiares até questões religiosas.

A quarta questão buscou investigar: “Como você avalia o apoio da gestão da sua escola para o desenvolvimento de ações ou projetos relacionados à Educação Sexual?” As alternativas foram: Apoio total, com incentivo e recursos; Apoio parcial, permitindo a abordagem desde que não gere conflitos; Apoio neutro, nem incentiva nem proíbe; Resistência ou proibição explícita em tratar do assunto e Não sei opinar. 2 (40%) marcaram “Apoio total, com incentivo e recursos”, 2 (40%) “Apoio parcial, permitindo a abordagem desde que não gere conflitos” e 1 (20%) “Apoio neutro, nem incentiva nem proíbe”. Como mostra a Figura 8.

Figura 8: Percepção dos docentes sobre o apoio da gestão escolar para ações de Educação Sexual.

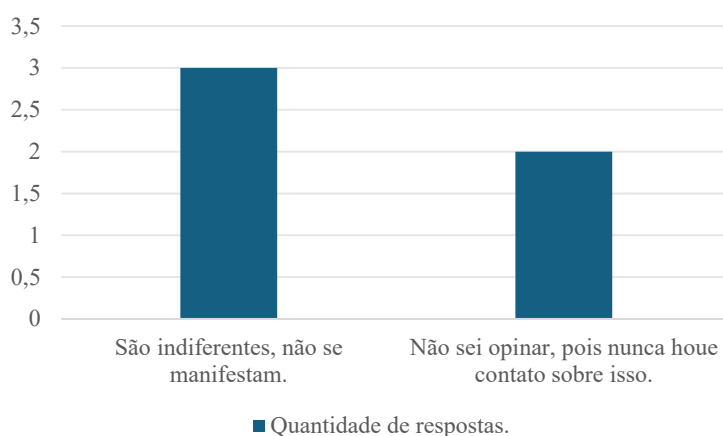


Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2026).

Esse resultado está alinhado com o que Alves (2021) observou ao afirmar que muitos educadores sentem um "déficit de parceria e incentivo por parte da escola" para garantir uma educação sexual efetiva.

A quinta e última questão do bloco, abordava “Em sua experiência, qual tem sido a postura mais comum das famílias em relação à abordagem da Educação Sexual na escola?” as alternativas eram: Apoiam e reconhecem a importância do tema; São indiferentes, não se manifestam; Apresentam resistência ou questionamentos; Não sei opinar, pois nunca houve contato sobre isso. Obteve-se 3 (60%) em “São indiferentes, não se manifestam” e 2 (40%) em “Não sei opinar, pois nunca houve contato sobre isso.” como mostra a Figura 9.

Figura 9-Postura das famílias em relação à Educação Sexual na escola.



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2026).

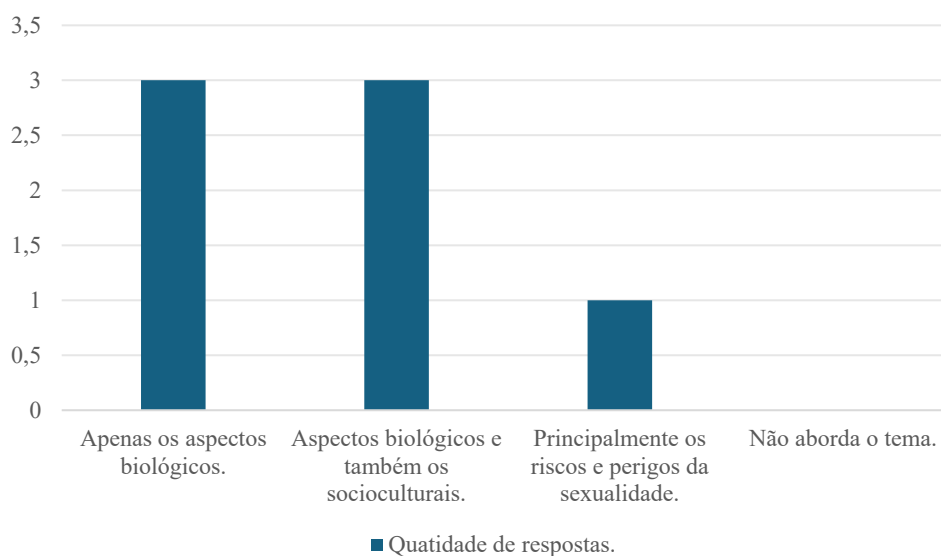
Os resultados obtidos — 60% de indiferença e 40% de ausência de contato prévio com o tema — confirmam o que Barcelos e Jacobucci (2011) denominam como “silêncio constrangedor”, ou seja, uma barreira inicial de desconforto para falar abertamente sobre sexualidade. Embora a resistência direta não tenha sido assinalada, a postura de não se manifestar ou de nunca ter havido contato pode revelar, na prática, um mecanismo de esquiva que impede a Educação Sexual de ser efetivamente trabalhada na escola, reforçando a influência de valores religiosos e familiares sobre o espaço escolar.

Nesse mesmo sentido, segundo Brancaleoni e Oliveira (2016), a escola desempenha uma função crucial na promoção da educação sexual, mas observa-se uma ausência de definição clara e um intenso esforço institucional para se isentar dessa responsabilidade. Essa postura de omissão contradiz a ideia de que o educador

figura como um adulto de referência para crianças e jovens, com ênfase especial justamente nas questões de sexualidade e gênero (Seffner, 2011).

O terceiro e último bloco abordava as estratégias pedagógicas e percepções finais. A primeira questão desse bloco questionava “Quando o tema “Educação Sexual” é abordado, você costuma enfatizar quais aspectos?” as alternativas eram: Apenas os aspectos biológicos (anatomia, doenças, gravidez); Aspectos biológicos e também os socioculturais (respeito, sentimentos, diversidade); Principalmente os riscos e perigos da sexualidade; Não abordo o tema. Notou-se que 3 (60%) selecionaram “Apenas os aspectos biológicos (anatomia, doenças, gravidez)”, 3 (60%) “Aspectos biológicos e também os socioculturais (respeito, sentimentos, diversidade)” e 2 (40%) Principalmente os riscos e perigos da sexualidade, representado pela Figura 10.

Figura 10: Aspectos enfatizados pelos participantes ao abordar a Educação Sexual



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2026).

Esses dados indicam uma ênfase predominante na dimensão biológica e nos riscos da sexualidade, o que pode refletir uma formação docente ainda insuficiente para abordar o tema em sua complexidade sociocultural. Para Almeida (2005), a sexualidade deve ser tratada na escola, mas com participação ativa da família, sendo o ideal que o tema fosse iniciado em casa e complementado na escola. Contudo,

Almeida et al. (2017) destacam que, na ausência de orientação familiar, cabe aos profissionais da educação preencher essa lacuna.

Nesse contexto, Maia e Ribeiro (2011) afirmam ser essencial que os professores recebam formação específica (inicial ou continuada) para compreender as manifestações da sexualidade entre os alunos e orientá-los adequadamente, com clareza sobre as abordagens históricas, culturais e científicas da sexualidade.

A segunda questão falava sobre as percepções dos professores com o seguinte questionamento: “Você já utilizou ou conhece alguma estratégia pedagógica que considere eficaz para contornar as dificuldades e facilitar o diálogo sobre sexualidade? Se sim, descreva-a brevemente.” as respostas obtidas podem ser observadas no Quadro 1.

Quadro 1: Respostas dos professores sobre estratégias pedagógicas.

VOCÊ JÁ UTILIZOU OU CONHECE ALGUMA ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA QUE CONSIDERE EFICAZ PARA CONTORNAR AS DIFICULDADES E FACILITAR O DIÁLOGO SOBRE SEXUALIDADE? SE SIM, DESCREVA-A BREVEMENTE.	
Professor 1	“- Não.”
Professor 2	“- Sim, uma estratégia interessante é falar conforme a linguagem do público”
Professor 3	“- Não”
Professor 4	“- Sim, apresentação de documentários sobre gravidez precoce e DSTs
Professor 5	“- Sim, roda de conversa, caixinha de perguntas anônimas, uso de textos que instigam a curiosidade dos alunos”

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2026).

Os dados revelam que 60% dos professores conhecem ou já utilizaram alguma estratégia pedagógica para facilitar o diálogo sobre sexualidade, enquanto 40% afirmaram não conhecer nenhuma. Esse percentual de docentes sem estratégias corrobora Moreira e Folmer (2011), que apontam a falta de preparo como o principal

desafio para o ensino de sexualidade. Por outro lado, as estratégias mencionadas – como rodas de conversa, perguntas anônimas e documentários – indicam que, quando há iniciativa, é possível contornar dificuldades, o que reforça a necessidade de formação continuada defendida por Maia e Ribeiro (2011).

A terceira questão também era de percepção e questionava “Na sua opinião, o que seria necessário para melhorar a qualidade da Educação Sexual nas escolas públicas de Ensino Médio de Uruçuí? (Cite até três sugestões)” as respostas obtidas podem ser observadas através do Quadro 2.

Quadro 2: Melhorias que poderiam acontecer na qualidade da Educação Sexual nas escolas públicas de Ensino Médio de Uruçuí.

NA SUA OPINIÃO , O QUE SERIA NECESSÁRIO PARA MELHORAR A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO DE URUÇUÍ ?	
Professor 1	“-Um currículo para oficializar, um horario proprio pata a aula”
Professor 2	“-Colaboração e participação da família, uso de modelos envolvimento dos alunos em projetos didáticos”
Professor 3	“-Um currículo mais diversificado palestras recursos didáticos”
Professor 4	Não quis opinar
Professor 5	“- Falar mais abertamente” “-Utilizar mais recursos vizuais” “-Envolver mais a família”

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2026).

Apesar dos desafios, existem caminhos possíveis. Alves (2021) identifica um grupo de docentes que defende ativamente o debate do tema nos espaços escolares, compreendendo-o como meio para que os estudantes exerçam a sexualidade de forma segura, conhecendo seu corpo e desenvolvendo autoestima. Esses educadores, no entanto, sentem um déficit de parceria e incentivo por parte da escola e dos responsáveis para garantir essa educação de maneira efetiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu identificar que a educação sexual nas escolas de Uruçuí-PI ainda é conduzida de maneira assistemática, enfrentando obstáculos que vão desde a formação inicial deficitária até resistências culturais e estruturais. Evidenciou-se que a formação acadêmica dos docentes, embora focada na área biológica, não prepara integralmente o profissional para lidar com as complexidades socioculturais da sexualidade. A carência de disciplinas obrigatórias e cursos de extensão reflete na insegurança do professor ao mediar o tema.

O estudo revelou que as práticas pedagógicas ainda estão fortemente atreladas ao modelo preventivo-biológico. Embora essencial para a saúde pública, essa visão limitada pode negligenciar questões de diversidade, respeito e afetividade, fundamentais para a formação cidadã do jovem. A falta de material didático e a omissão das famílias são entraves significativos.

Entretanto, o apoio parcial ou neutro da gestão escolar sugere que o tema ainda é tratado com cautela excessiva, evitando-se conflitos em vez de enfrentá-los com embasamento científico e pedagógico. Para superar o "silêncio" e o tabu, os próprios docentes sugerem a criação de um currículo oficial e momentos específicos para o debate. Estratégias como rodas de conversa e caixinhas de perguntas anônimas mostraram-se eficazes e devem ser incentivadas como forma de democratizar o diálogo. Em suma, a educação sexual em Uruçuí-PI carece de uma institucionalização que proteja o professor e garanta ao aluno o direito à informação clara e científica.

Espera-se que este estudo sirva de base para políticas locais de formação continuada e para o fortalecimento da parceria entre escola e comunidade, visando uma educação sexual plenamente inclusiva e transformadora.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. S. O.; COSTA, R. L.; SILVA, T. M. **Chega de tabu! A sexualidade sem medos e sem cortes**. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2005/artigos/capitulo%201/ch>. Acesso em: 12 out. 2024.

ALMEIDA, R. A. A. S., CORREA, R. D. G. C. F., ROLIM, I. L. T. P., HORA, J. M. D., LINARD, A. G., COUTINHO, N. P. S., OLIVEIRA, P. D. S. Conhecimento de

adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez.

Revista Brasileira de Enfermagem, 2017, v. 70, p.1033-1039. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/p4gD43L6gJhMZv3yGkRfvnM/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2024.

ALMEIDA, S. A. **Orientação sexual nas escolas: seria possível se não incomodasse?** Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5072>. Acesso em: 20 dez. 2024.

ALMEIDA, M. C. C., AQUINO, E. M. L., & BARROS, P. School trajectory and teenage pregnancy in three Brazilian state capitals. **Cadernos de Saúde Pública**, 2006, v. 22, p.1397-1409.

ALVES, E. S. **Educação sexual nos anos iniciais do ensino fundamental: desafios enfrentados pelo professor**. Orientador: Maria Theresa de Oliveira Corrêa. 2021. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, 2021.

BARCELOS, N. N. S., JACOBUECCI, D. F. C. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, Uberlândia, 2011, v. 10, n.2, p.334-345. http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen10/ART6_VOL10_N2. Acesso em: 16 dez. 2025.

BRANCALEONI, A. P. L.; OLIVEIRA, R. R. Silêncio! Não desperte os inocentes: sexualidade, gênero e educação sexual a partir da concepção de educadores. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, 2016, v. 10, n.2, p. 1445–1462. DOI: 10.21723/riaee.v10i6.8330. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8330> . Acesso em: 31 out. 2024.

CARPILOVSKY, C. K et al. Educação fundamental: ação dos professores frente à temática da educação sexual na escola pública. **Vidya**, v. 30, n. 1, p. 10-10, 2010.

CIRIACO, N., PEREIRA, C, ALVES C. A importância do conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis (IST) pelos adolescentes e a necessidade de uma abordagem que vá além da concepção biológica. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, 2019, v.18, n.1, p. 63-80.

ECOS – **Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana**. Promover a educação sexual nas escolas. Instituto Pólis, São Paulo, 2013, n. 18. Disponível em: < <http://www.polis.org.br/uploads/623/623.pdf>.> Acesso em: 8 dez. 2025.

ESPADA, J. P.; MORALES, A; ORGILÉS, M. **Riesgo sexual en adolescentes según la edad de debut sexual**. Acta Colombiana de Psicología, Bogotá, 2014, v. 17, n. 1, p. 53-60.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. **Revista**

Linhas (UDESC), Londrina, 2006, v.7, n.1, p. 21.

FONTELLES, M. J. et al., Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista paraense de medicina**, v. 23, n. 3, p. 1-8, 2009.

GAVA, T., VILLELA, W. V., **Educação em Sexualidade: desafios políticos e práticos para a escola**. Sexualidad, Salud y Sociedad, Rio de Janeiro, 2016, n. 24, p. 157-171. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/B48F6W667b4w6tQZhHHy3Yn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2024.

GESSER, M; OLTRAMARI, L. C; PANISSON, G. **Docência e concepções de sexualidade na educação básica**. Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, 2015, v. 27, n. 3, p. 558-568

.Louro, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2013

MAIA, A. C., RIBEIRO, P. R. M. Educação Sexual: Princípios para a ação. **Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, São Paulo, 2011, v.15, n.1, p. 41-51.

MARTINI, C. J. A abordagem do tema educação sexual em sala de aula: juntos ou separados. **Educação em Foco**, v. 8, 2016.

MARTINI, R. et al. Sexualidade e diversidade de gênero: o ensino e a visão dos profissionais de educação dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 14, n. 2, 2023.

BRASIL.MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais**. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/ptbr/publicogeral/o-que-sao-ist/sintomas-das-ist>. Acesso 10 dez 2025.

MOREIRA, B. L. R; FOLMER, V. **Percepções de professores de ciências e educação física acerca da educação sexual na escola**. Experiências em Ensino de Ciências, Uruguaiana, 2015, v.10, n. 3. Disponível em: http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID282/v10_n2_a2015.pdf . Acesso em: 03 jan. 2025.

RIBEIRO, P. R. C.; SOUZA, N. G. S. de; SOUZA, D. O. Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. **Oliveira Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2004, v.12, n.1, p.109-129.] Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21694.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2025.

SANTOS, S. M. J.; RODRIGUES, J. A.; CARNEIRO, W. S. Doenças sexualmente transmissíveis: conhecimento de alunos do ensino médio. DST - **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, Rio de Janeiro, 2009, v. 21, n. 2, p. 63-68. Doi: 10.1590/0104-07072017005100015. Acesso em: 15 nov. 2025.

SEFFNER, F. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2011, v.19, n.2, p.561-572.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a17.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2025.

TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. **Adolescentes e paternidade, um estudo fenomenológico**. Ribeirão Preto: Holos, 1999.

VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, 2017, v. 22, n. 69, p. 453-474. Doi: 10.1590/s1413-24782017226923. Acesso em: 15 dez. 2025.

VIEIRA KJ; BARBOSA NG; MONTEIRO JCS; DIONIZÍO LA, SPONHOLZ FAG. Conhecimento de adolescentes sobre métodos contraceptivos e infecção sexualmente transmissíveis. **Revista Baiana de Enfermagem**, 2021, v.35. DOI: 10.18471/rbe.v35.39015. Acesso em: 8 dez. 2025.

XIMENES Neto, F.R.G.; DIAS, M.S.A; ROCHA, J; CUNHA, I.C.K.O. Gravidez na adolescência: motivos e percepções de adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília**, 2007, v.60, n.3. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S003471672007000300005>. Acesso em: 8 jan. 2025.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO 1: PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

Prezado(a) Professor(a),

Este questionário faz parte da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso intitulada “**PERCEPÇÕES DOCENTES: OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO DE URUÇUI-PI**”.

Sua participação é voluntária e anônima. As informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmico-científicos, garantindo o sigilo da sua identidade. Sua contribuição é fundamental para compreendermos os reais desafios enfrentados pelos professores no contexto escolar de Uruçuí.

Agradecemos desde já a sua colaboração!

Instruções de preenchimento:

- As questões de múltipla escolha devem ser assinaladas com um “X” na opção que melhor corresponde à sua realidade.
- As questões dissertativas podem ser respondidas de forma sincera e resumida, conforme sua experiência.

BLOCO I: PERFIL DO DOCENTE E FORMAÇÃO

1. Gênero:

- ☐ Feminino
☐ Masculino
☐ Prefiro não informar
☐ Outro: _____

2. Idade:

- ☐ 20 a 30 anos
☐ 31 a 40 anos
☐ 41 a 50 anos
☐ Acima de 50 anos

3. Qual é a sua formação acadêmica inicial (Graduação)?

- ☐ Ciências Biológicas
☐ Pedagogia
☐ Outra licenciatura. Qual? _____

4. Há quanto tempo você atua como professor(a) na educação básica?

- ☐ Menos de 1 ano
☐ 1 a 5 anos
☐ 6 a 10 anos
☐ Mais de 10 anos

5. Durante a sua graduação, você cursou alguma disciplina específica que abordasse a temática da "Educação Sexual" ou "Sexualidade"?

- ☐ Sim, de forma obrigatória.
☐ Sim, de forma optativa.
☐ Não, nunca cursei.
☐ Não me lembro.

6. Após a graduação, você já participou de cursos de formação continuada (especialização, extensão, aperfeiçoamento) que abordassem a Educação Sexual?

- ☐ Sim, participei de mais de um curso/evento sobre o tema.
- ☐ Sim, participei de apenas um curso/evento.
- ☐ Não, nunca participei, mas tenho interesse.
- ☐ Não, nunca participei, e não tenho interesse.

BLOCO II: ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL EM SALA DE AULA

7. Na sua prática docente, você já abordou ou costuma abordar temas relacionados à Educação Sexual com seus alunos do Ensino Médio?

- ☐ Sim, frequentemente.
- ☐ Sim, ocasionalmente.
- ☐ Raramente.
- ☐ Nunca abordei.

8. Em sua opinião, qual a principal finalidade da Educação Sexual na escola? (Pode assinalar mais de uma opção)

- ☐ Prevenir ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e a gravidez na adolescência.
- ☐ Informar sobre a biologia e o funcionamento do corpo humano.
- ☐ Promover o respeito à diversidade sexual e de gênero.
- ☐ Desconstruir tabus e preconceitos.
- ☐ Orientar os alunos sobre relacionamentos saudáveis.
- ☐ Outro: _____

9. Quais são as principais dificuldades ou barreiras que você encontra ao tentar abordar a Educação Sexual em sala de aula? (Pode assinalar mais de uma opção)

- ☐ Falta de preparo/minha própria formação sobre o tema.
- ☐ Medo de reações negativas dos pais ou responsáveis.
- ☐ Falta de apoio ou orientação da gestão escolar.
- ☐ Resistência por parte dos próprios alunos.
- ☐ Falta de materiais didáticos e recursos adequados.
- ☐ Interferência de crenças religiosas (minhas, dos alunos ou da comunidade).
- ☐ O tema ser considerado um tabu na sociedade.
- ☐ Ausência de um currículo claro que oriente como abordar o tema.
- ☐ Outro: _____

10. Como você avalia o apoio da gestão da sua escola para o desenvolvimento de ações ou projetos relacionados à Educação Sexual?

- ☐ Apoio total, com incentivo e recursos.
- ☐ Apoio parcial, permitindo a abordagem desde que não gere conflitos.
- ☐ Apoio neutro, nem incentiva nem proíbe.
- ☐ Resistência ou proibição explícita em tratar do assunto.
- ☐ Não sei opinar.

11. Em sua experiência, qual tem sido a postura mais comum das famílias em relação à abordagem da Educação Sexual na escola?

- ☐ Apoiam e reconhecem a importância do tema.
- ☐ São indiferentes, não se manifestam.
- ☐ Apresentam resistência ou questionamentos.
- ☐ Não sei opinar, pois nunca houve contato sobre isso.

BLOCO III: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E PERCEPÇÕES FINAIS

12. Quando o tema "Educação Sexual" é abordado, você costuma enfatizar quais aspectos?

- ☐ Apenas os aspectos biológicos (anatomia, doenças, gravidez).

- () Aspectos biológicos e também os socioculturais (respeito, sentimentos, diversidade).
() Principalmente os riscos e perigos da sexualidade.
() Não abordo o tema.

13. Você já utilizou ou conhece alguma estratégia pedagógica que considere eficaz para contornar as dificuldades e facilitar o diálogo sobre sexualidade? Se sim, descreva-a brevemente.

14. Na sua opinião, o que seria necessário para melhorar a qualidade da Educação Sexual nas escolas públicas de Ensino Médio de Uruçuí? (Cite até três sugestões)

1.

2.

3.

15. Você teria interesse em participar de uma entrevista presencial (com duração aproximada de 15 minutos) para aprofundar a discussão sobre este tema?

- () Sim. Para isso, disponibilizo meu contato de e-mail ou WhatsApp:

- () Não.

Muito obrigada pela sua participação!

Laiza Ferreira da Silva
Pesquisadora - IFPI Campus Uruçuí